

Notas de Leitura

Nilton Bueno Fischer, Alcindo Antônio Ferla e Laura Souza Fonseca. *Educação e classes populares*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS/Editora Mediação, 1996. 250 p. (Cadernos de Aurtoria, 1)

A Escola Possível

A história do povo brasileiro, que pode ser reconstruída a partir de fatos de exclusão e de submissão, também pode ser reconstruída a partir de múltiplas formas de resistência popular e avanço democrático. E é nos campos da educação, cultura e saúde que, possivelmente, mais tenha avançado a consciência de igualdade de direitos.

Assim é que, nas décadas de 50 e 60, a escolarização dos setores populares se expandiu, fruto da expansão da consciência popular do direito à integração social e cultural, traduzida num mecanismo contra a tradicional exclusão sócio-cultural dos setores populares e numa esperança de reprodução da existência da infância em espaços mais humanos.

Durante o período de autoritarismo e repressão, as políticas educacionais abandonaram o olhar sobre a garantia do direito social ao saber e à cultura e, na expectativa de

desenvolvimento econômico nacional, reduziu-se a preparar braços eficientes para o trabalho.

Assim, a instituição escolar pela qual lutavam os setores populares foi se tornando filtro e peneira crônicos de exclusão e repetência. E os dados mostram que os reprovados e excluídos são dos setores populares.

Desde os anos 70, está se construindo um movimento de renovação pedagógica em algumas escolas que nasceu com as lutas e organização dos professores, alimentado pelo despertar e vitalidade dos movimentos sociais e culturais em diversos campos.

O nosso sistema escolar ainda não garante o direito à educação e à cultura para a maioria dos setores populares, não por falta de vaga, mas porque continua agindo como uma instituição seletiva e excludente, por meio de mecanismos manifestos e sutis.

A escola somente se constituirá em fronteira avançada dos direitos se, como instituição social, tiver a coragem de se redefinir não apenas em seus conteúdos, mas sobretudo em sua estrutura rígida, ser democrática não apenas em sua gestão, mas em seus processos, na organização de seus tempos e espaços, superando a cultura seletiva que ainda legitima essa estrutura excludente. Essa é a *Escola Possível*. Ela já está

acontecendo no profissionalismo e dedicação de inúmeros coletivos de professores que transgridem a escola peneiradora e antipopular. A escola possível está se tornando realmente possível, na medida em que se estiver constituindo como fronteira avançada dos direitos.

Educação e classes populares retoma a escola possível a partir dessas situações de transgressão. Mostra como avançamos na sua construção, destacando novas dimensões não percebidas anteriormente e destaca como os movimentos sociais nos apresentam novos desafios. Mostra como a escola vai tornando possível o direito à educação, direito cada vez mais rico em exigências. Mais plural. Gostei dessa idéia.

Miguel G. Arroyo
Universidade Federal de Minas Gerais

Carlos Rodrigues Brandão. *Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez, 1995.
Carlos Rodrigues Brandão. *Somos as águas puras*. Campinas: Papyrus, 1994.

Mais uma vez somos instigados pelas ousadias do pensador Brandão. Apresentamos